



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

1

I Caderno do EIP 2021/2022



Programa de Pós-Graduação em
Estudos Literários
Faculdade de Ciências e Letras
do Campus de Araraquara



ILCML | INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA
MARGARIDA LOSA



FCT
UIDB/05500/2020



PORTO
FLUP FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DO PORTO



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

2

Encontro Internacional de Poesia (1. : 2021 : Araraquara, SP)

E56i

I Caderno do EIP 2021/2022: I Encontro Internacional de Poesia – 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto / I Encontro Internacional de Poesia; Araraquara, 2021 (Brasil). –

Documento eletrônico. - Araraquara : FCL-UNESP, 2022. –

Modo de acesso: <https://www.encontrodepoesia.com.br/>.

ISBN 978-85-8359-079-8

1. Poesia. 2. Literatura. 3. Poesia -- Estudo e ensino. I. Título.

CDD 808.1

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Camila Serrador da FCLAr – UNESP.



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

157

“CORTE, ENCAIXE, SÉRIE, SIMETRIA”: A EDUCAÇÃO PELA PEDRA, NA DOBRA DO DIGITAL

D1G1T0_INDIVÍDUO COLETIVO

(Ana Gago; Diogo Marques; João Santa Cruz)⁷⁰

⁷⁰ Criado em 2015, a partir dos cruzamentos (in)disciplinares entre arte, ciência e tecnologia, D1G1T0 (wreading d1g1t5) tem-se debruçado sobre o potencial dos meios digitais enquanto questionamento auto e metarreflexivo no que diz respeito aos processos de escrita e às materialidades daí derivadas. Enquanto coletivo (ciber)literário, e na senda de uma tradição experimentalista iniciada com o movimento da Poesia Experimental Portuguesa (PO-EX), D1G1T0 explora aspetos da criatividade computacional, nomeadamente através da reinterpretação do património imaterial literário em língua portuguesa. Resultantes de processos colaborativos, as suas obras convocam leituras multisensoriais, a várias mãos [(ou dígito) que escrevem e leem. De entre as várias exposições e festivais de arte em que participaram contam-se PLUNC 2015, FOLIO 2017, FILE 2017, ARTeFACTo 2018 e ELO 2021.

+ info: <https://wreading-digits.com>



Resumo

Nas comemorações do centenário do nascimento de João Cabral de Melo Neto, e no contexto específico do I Encontro Internacional de Poesia UNESP, o coletivo d1g1t0 propôs uma releitura ciberliterária do poema “A Educação pela Pedra”, da autoria de João Cabral de Melo Neto, em diálogo com o *Problema Mecânico n.º 15* de Aristóteles (*sobre a esfericidade das pedras existentes junto à costa*). Para os anais do evento, o coletivo d1g1t0 apresenta agora uma série de notas de (re)leitura, numa espécie de autópsia potencialmente reveladora do que se esconde por detrás da dobra do digital.

Palavras-chave

Fold in, plagiotropia, metarreleitura, algoritmo, ciberpoesia, *A Educação pela pedra*



1º encontro
internacional
de Poesia

100+1 anos de João Cabral de Melo Neto

novembro 2021

No meio do caminho tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

Tinha uma pedra

No meio do caminho tinha uma pedra

Nunca me esquecerei desse acontecimento

Na vida de minhas retinas tão fatigadas

Nunca me esquecerei que no meio do caminho

Tinha uma pedra

Tinha uma pedra no meio do caminho

No meio do caminho tinha uma pedra

Carlos Drummond de Andrade



CORTE (RASURA)

Na observação atenta das suas camadas milenares, a pedra torna-se tópico, metáfora, ideia que interrompe; “uma pedra no meio do caminho”. É essa ideia de **interrupção** que os reputados versos de Carlos Drummond de Andrade repetem de modo aparentemente ininterrupto, e que, associada à repetição minimalista, parece oferecer um tempo distinto daquele que a mera contemplação, sem paragem, corte ou questionamento, propicia: o tempo da pedra.

Em entrevista a Ferreira Gullar, na década de 1980, João Cabral de Melo Neto dá-nos, precisamente, conta do seu gosto concreto pela aspereza da dicção de Drummond, “(...) uma poesia sem aquela oratória escorregadia que me irritava. Percebi então que era possível eu também fazer poesia” (MELO NETO; GULLAR, 1987, p.6). Na referida entrevista, Ferreira Gullar viria, aliás, a descrever a linguagem da poesia de João Cabral como uma “linguagem descarnada, óssea, mineral”, substanciada numa dada eliminação do “orgânico, que morre, em busca de algo permanente” (p.6). Sendo essa permanência reconhecida e concretizada, pelo entrevistado, no tropo da ‘pedra’, na sua “preocupação com a pedra”, a “coisa permanente” que se traduz numa obsessão com o “fluir do tempo” (p.6): “uma educação pela pedra”.

Poetas de um mesmo bioma, daqui se infere o carácter basilar que a pedra (e o tempo da pedra) representa(m) para os três poetas, não sendo indiferente a sua interligação a esse mesmo bioma, exclusivamente brasileiro⁷¹, numa espécie de tensão dialética que se repercute no trabalho concreto sobre a linguagem, e que surge evidenciado pela materialidade das paisagens literárias que uma boa parte dos seus poemas convocam, conectando literatura e território, rasura e permanência, poema e pedra.

Vem isto a propósito de *Problema 15: A Educação pela Pedra*⁷², poema-homenagem, da autoria de d1g1t0_indivíduo coletivo⁷³, desenvolvido e apresentado em novembro de 2021, por ocasião do I Encontro Internacional de Poesia 100+1 anos de João Cabral de Melo Neto⁷⁴. Na sua

⁷¹ A Caatinga, que ocupa uma área de aproximadamente 850.000 km², cerca de dez por cento do território, englobando estados como Minas Gerais, Pernambuco, Maranhão, entre outros. O que é o mesmo que dizer Drummond, João Cabral, Gullar, entre outros.

⁷² <https://wreading-digits.com/problema-educacao>

⁷³ <https://wreading-digits.com>

⁷⁴ <https://www.encontrodepoesia.com.br>



mecânica fundamental, trata-se de um ciberpoema em linha, desenhado a partir de uma técnica de escrita caracterizada por um constrangimento específico: o *fold in*, movimento que consiste em recombinar dois textos, dobrando cada um deles ao meio e reutilizando/ressignificando as metades visíveis. Desse modo, à semelhança de outras técnicas “experimentais” de escrita, como a combinatória, ou o *cut up* literário, o *fold in* permite desdobrar o texto, e, por conseguinte, o sentido, além de uma única configuração, conferindo-lhe múltiplos níveis, ou camadas, de significação e de afeto. Um movimento de expansão que depende, contudo, de um outro, aparentemente contrário, que lhe está na gênese: a dobra, rasura, ou corte; tensão, espiralar, que é amplificada pela capacidade do digital, em potenciar, expandindo, em permanência, o potencial combinatório da operação de *fold in*.

Neste sentido, ainda que respondendo a um tempo, uma vez mais, aparentemente contrário ao do digital, ao tempo geológico acrescenta-se uma outra camada, metafórica, para o entendimento da pedra (mais ou menos filosófica), também enquanto emblema para a experiência d/no digital, e deste ciberpoema (em) concreto; uma experiência estratificada, de constante sobreposição, abrindo caminho para diferentes possíveis leituras: “por lições”.

ENCAIXE (PLAGIOTROPIA)

Na sua natureza (e)material, seguindo uma lógica especular, *Problema 15: A Educação pela Pedra* apropria-se do poema-cartilha cabralino, abrindo-o ao diálogo com metades de um problema-ensaio aristotélico, mais concretamente, o *Problema 15*, parte integrante de um conjunto de problemas mecânicos atribuídos a Aristóteles, e que se debruça *sobre a esfericidade das pedras existentes junto à costa*: “outra educação pela pedra”.

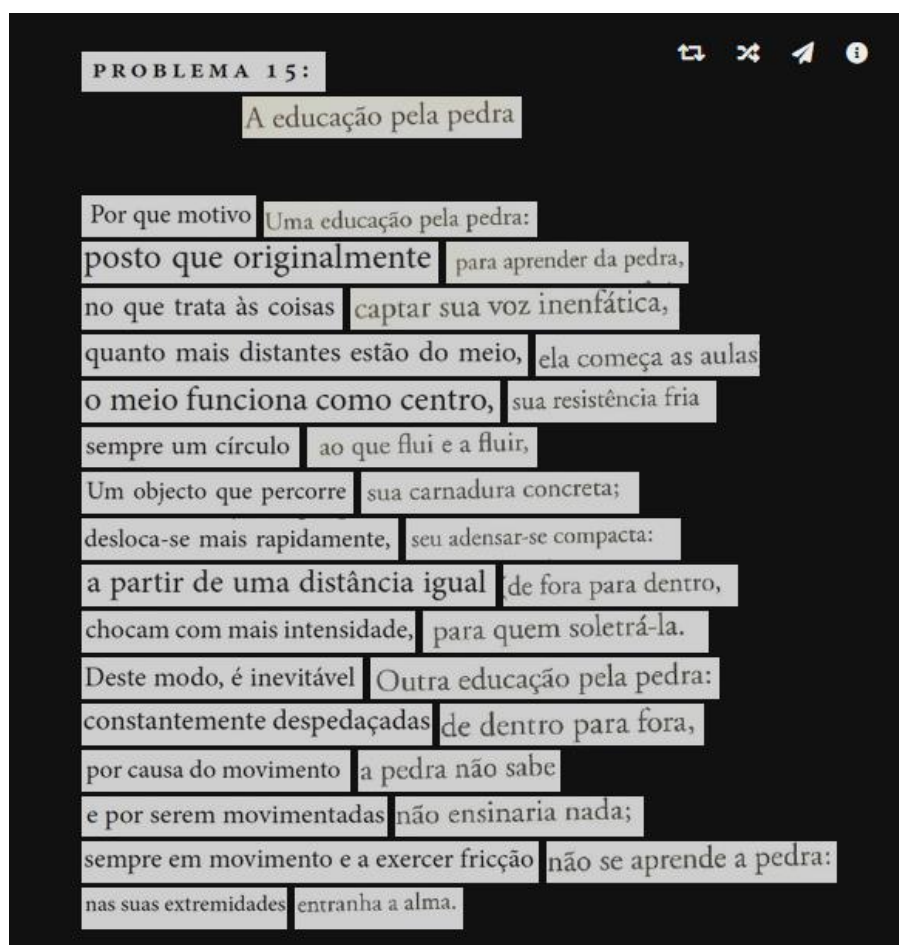


Figura 1. Ciberpoema *Problema 15: A educação pela pedra*, [d1g1t0 indivíduo coletivo](https://wreading-digits.com/problema-educacao/)
<https://wreading-digits.com/problema-educacao/>

Constituindo-se como problema-poema, esta (re)nova(da) composição convoca um duplo movimento, que o poema de João Cabral também enuncia: um movimento “de dentro para fora”, que desdobra, e ao mesmo tempo, um dobrar “de fora para dentro”⁷⁵. Isto é, um paradoxo, reminescente da dobra (*le pli*) deleuziana, mas que, no entanto, surge aqui colocado em correlação com o que Haroldo de Campos veio a designar de ‘plagiotropia’ - termo adoptado por Maria dos

⁷⁵ *Problema 15: A educação pela pedra* constitui, de igual modo, um (des)dobrar de um projeto artístico inicial (e iniciático), em relação à sua atual (re)configuração. Trata-se do projeto (DES)CONEXÃO, desenvolvido em 2018, no âmbito de residência artística "RUNTIME REALTIME PEOPLE", promovida pela Universidade Aberta de Lisboa, através do programa INVITRO-Gerador. No âmbito deste projeto, foram desenvolvidas duas instalações, assim como obra ciberliterária em linha, acessível através da seguinte hiperligação: <https://wreading-digits.com/desconexao/>



Prazeres Gomes, em *Outrora Agora: relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção*, e passível de ser definido como “operação tradutora no sentido de releitura crítica da tradição” (GOMES, 1993, 20).⁷⁶

Com efeito, trata-se de uma operação conceptual levada a cabo por João Cabral em relação a outros poetas, como o próprio confessa a Ferreira Gullar, referindo-se a “esse negócio de plágio” como “coisa do século XIX”, pois “antes não havia isso”, e concluindo tratar-se de “um reflexo do conceito capitalista de propriedade privada” (MELO NETO; GULLAR, 1987, p. 6).

Não obstante o seu entendimento enquanto “prática literária crítica” (TORRES, 2014, p. 193), nomeadamente no campo da Ciberliteratura, em *Problema 15: A Educação pela Pedra*, a plagiotropia vai além do sentido prático de apropriação criativa feita pelos autores, estendendo-se à sua ação epistemológica disruptiva, profundamente inter, trans, ou talvez mesmo anti disciplinar, (des)dobrando diferentes áreas, saberes, processos, métodos, linguagens; poesia e filosofia, poema e problema, problema e solução, um duplo gesto alquímico, de partir pedra, de educar pela pedra, enunciado numa só estrutura, tão (maleavelmente) poética quanto (rigorosamente) matemática.

SÉRIE (METARRELEITURA)

Em *Problema 15: A Educação pela Pedra*, à ideia de “releitura crítica da tradição” justapõe-se a ideia de **metarreleitura**, derivando de um processo interativo de contínua (re)composição, que obriga a uma leitura fragmentária e a um entendimento fractal do ciberpoema, pedra composta pelos diferentes fragmentos de texto, que se vão revelando (e transmutando) a cada nova leitura, reforçando, porém, o sentido poético, concreto, do poema original. Desse processo de metarreleitura, salienta-se a importância do ‘escritor’ (Barbosa, 1996), figura cuja centralidade na rede de circuitos comunicacionais em ciberliteratura não difere muito da importância que Eucanaã Ferraz atribui ao leitor na/da poesia de JCMN, no texto “Belo, Bula” que serve de prefácio à antologia de 2011 republicada pelo grupo editorial Alfaguara:

⁷⁶ Ver, também, a este respeito: HATHERLY, A. *A Casa das Musas*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, pp. 175-85



O leitor, sem dúvida, tem papel fundamental nesse trabalho, devendo estar minimamente disposto a participar, a experimentar os livros e os poemas como se caminhasse por edifícios, tendo, “a chance de fazer seus próprios roteiros e reconstruir, a seu modo, o que o poeta projetou” (FERRAZ, 2011, p.17).

Isto porque, para Ferraz, “Corte, encaixe, série e simetria não são apenas procedimentos restritos ao circuito do criador e da obra. Ou seja, não devem ser vistos como uma série de procedimentos matemáticos relevantes apenas para o criador.” (2011, p.16)

Eucanaã fala de João Cabral, claro. Mais concretamente do livro *A Educação pela Pedra* (1962-1965). No entanto, em boa verdade, “Belo, Bula”, de Eucanaã Ferraz, é um prefácio que também dobra e desdobra, já que começa, desde logo a partir do título, por problematizar a ambiguidade da poesia cabralina, ali sintetizada nos dois termos aparentemente polarizados. Mas, acima de tudo, um texto que acaba por revelar pontos de convergência, similitudes, diversas simetrias, entre *A Educação pela Pedra* de JCMN e a poesia ciberliterária de que *Problema 15: A Educação pela Pedra* é exemplo. Talvez por isso não seja descabido dizermos que as suas palavras parecem encaixar simetricamente numa potencial descrição do poema ciberliterário combinatório.

A título de exemplo, no trabalho com o ciberpoema, o leitor torna-se releitor e interveniente direto no “circuito comunicacional da leitura” (de novo, palavras utilizadas por Ferraz), dele dependendo a cocriação de um poema em potência, frequentemente por processos simultâneos de ‘escrita-leitura’, ou tão simplesmente ‘escreitura’, termo que Pedro Barbosa, pioneiro da Ciberliteratura em Portugal, não hesitou em cunhar e em utilizar por diversas vezes no contexto da criação literária assistida por computador. (BARBOSA, 1996, p.10). Dito de outro modo, não só o leitor serve como contrapeso do escritor, permuta entre o que se supõe ser da esfera emocional e o que supostamente pertenceria à esfera racional e instância privilegiada do controlo de necessidade, como assume o papel de escreitor, procurando ler-se, procurando reler-se, e, desta forma, procurando encontrar-se (descobrir-se) naquilo que (re)lê.



Atividade laboriosa, que requer tempo e dedicação, a montante como a jusante, a escreitura cibertextual (des)dobra, (des)construindo o potencial sentido - sempre frágil e permutável, a cada interação -, definição que está, aliás, na base do próprio termo ‘Cibertexto’, proposto por Espen Aarseth, em volume homônimo e com referência a “todo o texto capaz de colocar o leitor numa posição extranoemática”; isto é, necessitando da sua participação na “descodificação semiótica do texto”. A esse fenômeno Aarseth chamou de “ergódico”, apropriando-se do termo da Física com origem etimológica no grego e que associa as palavras *ergon* e *hodos*, trabalho e percurso, e o relaciona com a capacidade maquinal do cibertexto para produzir e multiplicar estruturas verbais. (AARSETH, 1997, p.21).

SIMETRIA (ALGO_RITMO)

No que diz respeito a simetrias, talvez o exercício de **contra-geometria**, anti-lírico, representado na capa da primeira edição de autor de *A Educação pela Pedra*, com data de 1966, seja dos mais exemplificativos. A propósito desta (imagem de) capa, refere a investigadora Priscila Monteiro:

(...) dois círculos sobrepostos – um inteiro e dois semicírculos – sinalizam o equilíbrio entre partes, mostrando um exercício de simetria como um geômetra faria para descrever sua poesia em uma imagem (...). Esta referência é perdida nas republicações da obra, mas, dada a relação de proximidade do poeta com o gráfico que criou a capa e a autonomia que a Editora do Autor conferia na elaboração de suas edições, penso que tenha sido criada após alguma explicação do autor sobre o conceito da obra. (MONTEIRO, 2021, pp.78-79)

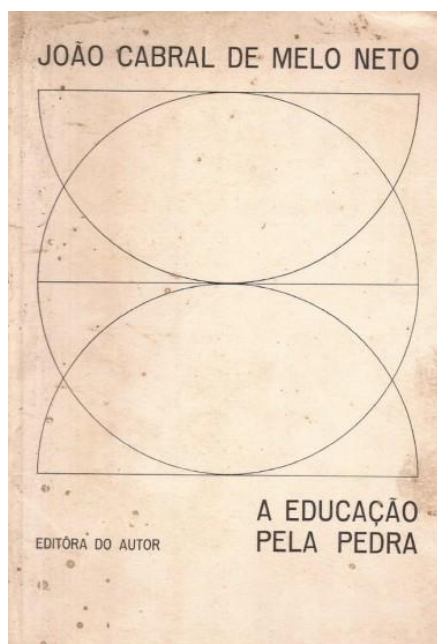


Figura 2. Capa de *A Educação pela Pedra*, JCMN, edição de autor, 1966

É conhecida a importância da lógica especular na diagramação física e mental da poesia de João Cabral, assim como sabemos da lógica de permutação, que se vai manifestando e deslocando de bloco em bloco (de versos). Pedra sobre pedra, numa precisão arquitetônica, os blocos vão-se juntando de forma especular, como vimos, mas também, modular, como afirma o próprio JCMN, “Antes faço o plano do livro, decido o número de poemas, o tamanho, os temas. Crio a forma. Depois encho” (JCMN *apud* FERRAZ, 2011, p.17) e como confirma Ferraz ao fazer referência a um:

(...) jogo de desarticulação/rearticulação dos poemas, concebidos não como estruturas estáticas ou blocos únicos e indevassáveis. Antes, assistimos à manipulação de estruturas abertas, articuláveis, transparentes, móveis, constituídas por versos que podem ser destacados e recolocados em outro lugar, compondo novos arranjos, com maior ou menor alteração de sentido. (FERRAZ, 2011, p.15)



A essa lógica especular, e estrutural, Eucanaã Ferraz associa o “ritmo arquitetônico” que também caracteriza a poesia de João Cabral, uma “poesia cuja sofisticação nasce da matemática, da geometria, da sujeição da sensibilidade ao projeto” (p.15). Em entrevista de 1986 concedida ao periódico *O Estado de São Paulo*, João Cabral afirma, inclusivamente, não “ter ouvido musical para a melodia”, mas talvez, sim, “para o ritmo”, na medida em que existe um “ritmo sintático” que vai para além da ideia de ritmo musical: “Você, diante de uma obra de arquitetura, vê que ela tem um ritmo. Esse ritmo não é musical, porque a arquitetura é muda. Existe um ritmo visual, existe um ritmo intelectual, que é um ritmo sintático.” (JCMN *apud* FERRAZ, 2011, p.16)



Figura 3. Ciberpoema *Problema 15: A educação pela pedra*, duas interações e diferentes resultados gerados, [d1g1t0 indivíduo coletivo https://wreading-digits.com/problema-educacao/](https://wreading-digits.com/problema-educacao/)

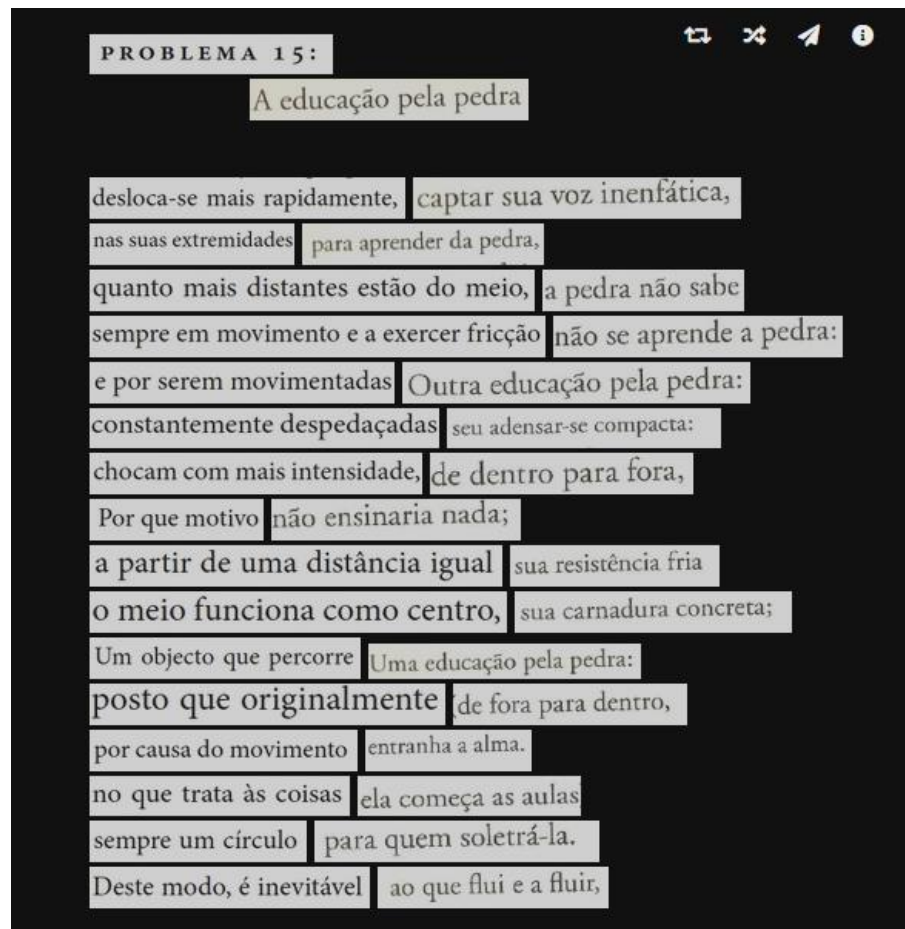


Figura 4. Ciberpoema *Problema 15: A educação pela pedra*, duas interações e diferentes resultados gerados, [d1g1t0 indivíduo coletivo https://wreading-digits.com/problema-educacao/](https://wreading-digits.com/problema-educacao/)

De modo similar, também o ciberpoema de d1g1t0 depende da manipulação de blocos por parte do leitor para uma reconstrução constante, especular, poetizando na mesma medida em que problematiza, convidando a novos e renovados sentidos. De facto, é esse princípio mecânico, senão mesmo orgânico, de desarticulação e rearticulação, mas também de programa(ção), que a ciberliteratura, sobretudo aquela que depende de processos combinatórios, apresenta - ainda que de forma distinta, neste caso, explorando um outro tipo de (algo)ritmo, uma outra forma de (escri)leitura, o que, por sua vez, implica igualmente um outro modo de reprogramação.

Em *Problema 15: A Educação pela Pedra*, não encontraremos, porém, uma arquitetura completamente muda, já que a leitura do ciberpoema, para além de fazer ecoar e ressoar por entre



o espaço que existe entre Aristóteles e João Cabral, é acompanhada de uma composição sonora. Não obstante, longe de traduzir a dinâmica tão ativa quanto recetiva do bater na/da pedra, ou mesmo de traduzir os jogos fonéticos levados a cabo por JCMN no poema homónimo - como sejam a repetição alternada de consoantes oclusivas por oposição a consoantes fricativas -, a paisagem sonora que caracteriza o ciberpoema pode ser entendida como fluida, espelhando a fluidez temporal de uma pedra esférica batida pelo mar, que a linguagem e a língua refletem e repercutem.

No final, talvez se trate mesmo de uma tentativa de captar essa “voz inenfática, impessoal”, de “cartilha muda”, a que João Cabral se refere no poema “Uma Educação pela Pedra”. Uma voz que, tal como o efeito de estática que acompanha a leitura de *Problema 15*, não é somente um silêncio, tal como não é, apenas, um ruído. Trata-se, sim, de uma tentativa de balanço entre as dimensões estática e dinâmica que governam o próprio ato de escrever e de ler. Ou, ainda, a própria ambiguidade presente no poema, refletida nas suas dimensões etérica e matérica.

Em suma, um processo transdutivo, já que a composição sonora deriva de gravação áudio da leitura do poema “A Educação pela Pedra”, na voz do próprio JCMN, ainda que atravessada por várias mediações; primeiro, a do gravador que regista, depois, a do computador que arquiva e reproduz, em terceiro lugar, o *software* digital de edição de áudio, que, comprime, transforma e, por fim, transcodifica (não esquecendo o leitor, que ressignifica). Perante a interface, o edifício, do (ciber)poema, o leitor assiste na evidenciação da pedra através da (re)união, à superfície, dos seus fragmentos (a)temporais. Não obstante, para que um possível caminho interpretativo se forme, torna-se necessário que o leitor (se) descodifique n/o problema, percorrendo-o, em busca da sua própria pedra filosfal.

Para encontrar a pedra, há que partir(-se) (n)o gesto de agarrá-la.



Referências

AARSETH, E. *Cybertext: perspectives on ergodic literature*. Baltimore, Md: Johns Hopkins University Press, 1997.

Aristóteles. Problemas Mecânicos. Tradução de Rodolfo Lopes. In Obras Completas de Aristóteles. Coordenação de António Pedro Mesquita. Volume IX, Tomo III. Lisboa: INCM, 2013, p.74.

BARBOSA, P. *A Ciberliteratura: Criação Literária e Computador*. Porto: Edições Afrontamento, 1996.

D1G1T0. *Problema 15: A Educação pela Pedra*. 2021. Obra ciberliterária online. Disponível em: <https://wreading-digits.com/problema-educacao/>

FERRAZ, E. “Belo, Bula”. In: Melo Neto, J. C. de *A Educação pela Pedra e outros Poemas*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2011 [2008]

GOMES, M. P. *Outrora agora: relações dialógicas na poesia portuguesa de invenção*. São Paulo: EDUC, 1993.

MELO NETO, J. C. de; GULLAR, F. “Gullar & João”. In: *O Globo*, 27 de Setembro de 1987, Matutina, Segundo Caderno, página 6. Disponível para consulta através de acervo online: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=198019870927>

MONTEIRO, P. *Para perceber o papel dos livros: a educação pela pedra, um estudo de caso*. Porto Alegre: Polifonia, 2021.

TORRES, R. “The dead must be killed once again: Plagiotropia as Critical Literary Practice.” In: Torres, R. & Baldwin, S., orgs. *PO.EX: Essays from Portugal on Cyberliterature and Intermedia by Pedro Barbosa, Ana Hatherly, and E. M. de Melo e Castro*. Morgantown, WV: Center for Literary Computing, 2014, pp. 193-210. Disponível em: <https://po-ex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-alografas/po-ex-essays-from-portugal-on-cyberliterature-and-intermedia-by-pedro-barbosa-ana-hatherly-and-e-m-de-melo-e-castro>